

A busca pela paz na sociedade plural: leituras em Maria Clara Bingemer e Agostinho

Lucas Andrade Ribeiro¹

Resumo: Este artigo visa perceber a importância que a busca pela paz tem na reflexão teológica, tanto na antiguidade em Agostinho de Hipona, quanto na contemporaneidade na teóloga latino-americana Maria Clara Bingemer. Além disso, destaca como as ideias do teólogo e bispo de Hipona ainda continuam bastante vivas, por meio de sua influência no campo do pensamento teológico cristão, chegando, inclusive, na Teologia produzida na América Latina nos dias atuais. Aspectos como a mística e a pluralidade vivida pela sociedade atual são indispensáveis para se compreender os objetivos desta reflexão.

Palavras Chave: Agostinho, Bingemer, paz, mística, sociedade plural.

Abstract: This article aims to realize the importance that the quest for peace has in theological reflection, both in Augustine of Hippo's antiquity, as in the contemporary Latin American theologian Maria Clara Bingemer. Also note how the ideas of theologian and bishop of Hippo are still very much alive, through his influence in the Christian theological thought, reaching even the theology produced in Latin America today. Concepts as the mystical experience and the plurality of contemporary society are indispensable for understanding the objectives of this reflection.

Keywords: Augustine, Bingemer, peace, mystique, plural society.

Introdução

Este artigo visa mostrar a importância que a mística tem no desenvolvimento e busca pela paz, principalmente, usando a importante teóloga brasileira contemporânea Maria Clara Bingemer, que tem uma profícua e larga experiência docente na PUC/RJ e importantes publicações na área de Teologia e Ciências da Religião. Seus escritos se inserem na lógica de que a sociedade atual, influenciada pela ascensão de um novo paradigma de conhecimento, denominado por muitos de pós-modernidade, necessita de uma nova abordagem da religião, retomando, sobretudo, a mística como uma paixão pela divindade que gera transformação e envolvimento com as questões da fé e da vida.

Ao contrário do que muito se propagou durante a modernidade, de que a religião estaria fadada ao insucesso nos períodos subsequentes da história, na prática, percebeu-se que a religiosidade está em alta na atualidade, o que gera a necessidade que os estudiosos e estudiosas da religião pensem acerca dos novos desafios que estão postos. Percebendo que a lógica do consumo propagada pelo neoliberalismo tem sido insuficiente para trazer sentido e satisfação as pessoas, pois “o grau de frustração que esta estéril busca traz vai desencadear, por outro lado, uma ânsia espiritual que se reflete na procura de formas as mais diferentes de contato com o divino e o Sagrado” (BINGEMER, 2013, p.29).

Porém, este desejo pela transcendência, que vem sendo revivido com grande força em nosso país, necessita ser refletido de forma consciente e clara, buscando entender suas limitações e potenciais. Tendo em vista, que é papel dos pensadores e pensadoras da religião propor contribuições que ajudem a sociedade a pensar-se de forma libertadora e que promova a justiça (cf. BINGEMER, 1992, p.7).

Enriquecendo este ideal de busca pela paz, serão apresentadas as ideias de Agostinho de Hipona, importantíssimo pensador da antiguidade tardia que foi o

¹ Graduado em Filosofia pela Unicamp. Estudante de Teologia e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista do CNPq. E-mail: lucasandraderibeiro@gmail.com

“Preceptor do Ocidente (...) e com efeito, todos, de um modo ou doutro, lhe sofreram o influxo. Por quase um milênio exerceu domínio incontestado no campo do pensamento” (BOEHNER & GILSON, 2004, p.203). Serão abordadas, mormente, suas concepções que pensam sobre a busca inerente da humanidade pela paz mostrando como muitas das propostas expressas por Bingemer já se encontram no grande teólogo e bispo de Hipona que continua a ser um grande influenciador do pensar teológico hodierno.

1) Maria Clara Bingemer: mística e paz no mundo plural

1.1) Mundo plural

É essencial demonstrar que suas reflexões respondem aos problemas que são típicos da contemporaneidade. Pois ela percebe que a forma de conceber o mundo pós-moderno tem sérias dificuldades em aceitar qualquer absolutização ou mesmo universalização. Isso é fruto do desencantamento atual tanto com as diferentes tradições religiosas, quanto com a modernidade, que advogou que o ser humano pela razão atingiria seu estágio mais pleno de satisfação. Porém, o que se viu foi um planeta que prosseguiu tendo situações recorrentes de morte e violência.

Então, a pós-modernidade acabou por revelar um traço que sempre existiu, embora nunca tivesse estado tão em voga como hoje: a pluralidade. As sociedades desde tempos imemoriais carregam traços que as diferenciam, os seres humanos são seres diferentes, e mesmo irmãos criados em um mesmo ambiente perceptivelmente desenvolvem concepções e formas de vida diferentes. O que, então, tornou-se diferente na atualidade é que a pluralidade não é uma mera questão de diferenciação humana, mas uma percepção de que nenhum sistema pode se pretender como tendo respostas absolutas e que abrangem toda a realidade, pois hoje se “considera todo discurso com pretensões à universalização e à totalização como redutor e inadequado e desemboca na indiferença e no desencantamento” (BINGEMER & GASS, 2005, p.21).

1.1.1) Fim das certezas

Passou-se, devido a isso, a viver em um tempo no qual a incerteza se tornou a regra, as instituições passaram a ser questionadas como nunca foram anteriormente, as identidades estão difusas e a busca por sentido em algo sólido e estável parece uma tarefa cada vez mais difícil (cf. BINGEMER, 2013, p.39). Esta compreensão sobre os tempos atuais tem sido defendida por diversos autores, apesar de não haver consenso sobre qual termo deve ser usado para definir um período que ainda está em andamento. Sendo que uma das possíveis formas de se qualificar como funciona a lógica do pensamento atual é: “a forma especificamente pós-moderna de ‘ocultamento’ consiste não tanto em esconder a verdade do Ser por trás da falsidade dos seres, mas em obscurecer ou apagar inteiramente a distinção entre verdade e falsidade” (BAUMAN, 1998, p.158). Ou seja, a linha entre o que é verdade ou falso não é mais claramente distinguível, o que muda substancialmente o modo como se opera as ciências e a própria vivência em sociedade.

A cultura atual é marcada por uma profunda passividade dos seus participantes. Dia após dia ocorre uma maior valorização da sociedade do espetáculo, onde importa mais o parecer ser todo que o ser, propriamente dito. Isso é alimentado em grande medida pelo neoliberalismo reinante que sobrevive à custa do consumo desenfreado, e que, inclusive, alimenta-se pelo fato de que em uma sociedade onde tudo é incerto, a alienação proporcionada pelas compras acaba por gerar um efeito de anestésico social, proporcionando um prazer momentâneo que mantém grandes massas sem refletir acerca de sua situação.

É patente que vem ocorrendo tentativas de padronizar a sociedade, de forma a tornar cada vez mais pessoas consumidoras de um determinado produto ou bem, além disso, esta busca facilitar o domínio das classes dominantes sobre aqueles e aquelas que estão fora das instâncias de decisões econômicas. Porém, a despeito das inúmeras investidas em torno da uniformização “não haverá, (...) em tempo futuro previsível, uma cultura mundial uniforme (...) a pluralidade constantemente questiona identidades convencionais e até agora dadas por supostas, ela contém inevitavelmente um potencial (não pequeno) de conflito” (BINGEMER, 2013, p.51). O que mostra que a pluralidade é a palavra que melhor define a hodiernidade, já que ela é intrínseca a um período de incertezas e instituições questionadas.

Nessa dinâmica, pode-se observar que a religião está diretamente afetada por estas transformações que ocorreram nos paradigmas sociais. Pois, ainda que seus símbolos estejam fortemente presentes, apesar de terem sido muitas vezes, ressignificados as necessidades do mercado que os transformam em locais de visitação e turismo; em detrimento disso, a busca religiosa não arrefeceu. Ela apenas mudou a forma como é encontrada, uma vez que enquanto as antigas formas institucionais perderam espaço, as novas que favorecem a independência do indivíduo florescem com vigor, pois “a busca de Deus e o desejo de uma espiritualidade crescem em igual proporção, desembocando em muitas praias que não são mais apenas nem principalmente as igrejas históricas” (BINGEMER, 2013, p.98).

Devido a isso, constata-se que a melhor forma de expressar a religiosidade, de maneira que esta seja dita aos seres humanos contemporâneos e captada por eles, é por meio da narrativa. Ou seja, a maior preocupação não está na busca pelas verdades que podem ser afirmadas sobre um Ser Supremo ou mesmo sobre um sistema de símbolos religiosos, mas sobre a forma como esta divindade se relaciona com as pessoas. Em outras palavras, o objeto deixou de ser a sistematização das verdades e passou a ser a narrativa dos atos amorosos de Deus, já que o “objeto da narrativa é o mistério de um Deus que se revela como *mysterium salutis* (mistério de salvação) não como *mysterium logicum* (mistério lógico)” (BINGEMER & FELLER, 2003b, p.29). Sendo que mistério é a forma possível de exprimir a relação entre o Ser, dotado de toda a profundidade ontológica, e os seres humanos.

Outra característica deste período é que um conflito que durou séculos, o embate entre autonomia e heteronomia, parece que hoje já tem um claro vencedor: a autonomia. Pois qualquer ideia que vise assumir a rédea sobre as consciências, tende a ser rechaçada e forçadamente afastada, esta dificuldade em aceitar autoridades é marca da forma de viver atual. E a autonomia surge com força justamente porque a busca por liberdade adquiriu um estatuto de inquestionabilidade, pois ela dota cada ser humano da possibilidade de guiar seu destino (cf. BINGEMER 2013:115). Esta forma de abordar a realidade já estava constada no pensamento do importante teólogo alemão Paul Tillich, que afirma: “historicamente, a razão autônoma se libertou e sustentou uma luta sem fim com a heteronomia” (2005, p.97-98), e “a razão que afirma e efetiva sua estrutura sem considerar sua profundidade é autônoma” (2005, p.97).

Tendo sido exposto acerca destas marcas, pode-se perceber que não é aleatória a nova configuração da religiosidade. Visto que em um mundo no qual a razão era soberana, ou mesmo em um onde a autoridade eclesial era, fazia sentido à ênfase no discurso lógico e sistemático da fé; porém, em um mundo de verdades e realidades difusas é a experiência que acaba assumindo o posto de destaque. Esta nova forma da religião dá “absoluta prioridade à experiência direta sobre o raciocínio metafísico. Interessam-se pelo homem aqui e agora, mais que por seu futuro eterno” (BINGEMER, 1993, p.35). É nesta dimensão, que a autora acaba por apontar para o fato da expoente importância da mística para a religiosidade hodierna.

1.1.2) Queda das utopias e predomínio do modelo neoliberal

Este período tem sido influenciado de forma significativa pelo modelo econômico denominado neoliberalismo. Estruturação socioeconômica que tem se aproveitado da pluralidade de discursos presentes e do declínio das grandes utopias, tanto religiosas quanto políticas, para ampliar sua área de atuação. Sendo que a questão da queda das utopias é essencial, sobretudo, para quem busca pensar a fé cristã numa ótica latino-americana, pois são os sonhos e expectativas que são gerados por elas que têm o poder de mover a realidade, questionando-a, problematizando-a, transformando-a. Não foge da preocupação dos pensadores da teologia do continente a percepção de que o mundo “pós-moderno assimilou e se apropriou da chamada queda das utopias de uma forma que objetivamente favoreceu a expansão e a predominância do modelo neoliberal” (BINGEMER, 2013, p.38). Isto é, a cada vez que uma pessoa entra na lógica vigente, preocupando-se mais com sua própria inserção individualista no mercado de trabalho, ao invés de se importar com a modificação da sociedade, mais o modelo da economia feroz se fortalece.

Esta percepção dos problemas conjunturais e estruturais da sociedade vem, nomeadamente, das análises que foram empregadas pela Teologia Latino-Americana, que usa com frequência os instrumentais socioeconômicos para expor as disparidades e injustiças que marcam a sociedade. Ao longo das últimas décadas, inclusive, ficou claro que análises profundas eram necessárias para se chegar às causas que mantinham grandes massas populacionais empobrecidas enquanto uma pequena minoria mantém seus privilégios, pois “vários dos teólogos presentes reconheceram como inspirada, pelo menos em parte, na análise marxista, ajuda a descobrir não somente a injustiça que marca a sociedade contemporânea, mas também suas causas mais profundas de ordem estrutural” (BINGEMER & IVERN, 1994, p.14).

Uma das facetas mais cruéis do mercado tem se expressado dentro do campo da fé cristã, este pode ser chamado de ‘mercantilismo religioso’. Ele está inserido na mesma lógica excludente e geradora de morte que o neoliberalismo; o que o diferencia é que os produtos que oferece giram em torno dos símbolos religiosos, alguns antigos, outros recentemente cunhados. Prometendo aos fiéis recompensas e benefícios, “estes são os novos deuses a mover nossos desejos, comportamentos e ideais. Por esses deuses, quanta gente mata e se mata!” (BINGEMER & FELLER, 2003a, p.52).

1.2) Mística Contemporânea e busca pela paz

Pode-se, então, avançar na análise que é uma das principais características do pensamento da teóloga Maria Clara Bingemer: a mística e a busca pela paz. A autora afirma que se faz cada vez mais necessário falar de mística, em outras palavras, de experiências para se viver o cristianismo hodiernamente. Isso significa que as práticas que são vividas no cotidiano da fé dão sentido e força a própria religiosidade. Dessarte, remetendo-se a um dos maiores teólogos do século 20, Karl Rahner, ela enuncia: “o cristão do futuro (e acrescentaríamos, do presente) ou seria um místico, ou seja, alguém que experimentou alguma coisa, ou não seria nada e menos ainda um cristão” (BINGEMER & GASS, 2005, p.26). Visto que em uma sociedade em que o sensorial, o experiencial tem grande peso, é pouco provável imaginar o contato com a transcendência sem contar com a mística.

1.2.1) Mística e testemunho ético

O testemunho do cristão e da cristã ainda continua sendo uma das principais molas propulsoras de ação da igreja. Dado que este deve ser manifesto em atos concretos que se posicionam a favor da vida e da justiça. Pois é necessário promover, por meio de ações palpáveis, a força que o bem tem sobre o mal, é indispensável proclamar as virtudes éticas buscando calar as forças do mal (cf. YUNES &

BINGEMER, 2001, p.7-8). E para isso, o poder do testemunho místico é de suma importância. Uma vez que alguém que experienciou a divindade não pode ficar inerte frente as mais diversas injustiças que acontecem na sociedade. A força da experiência é notória porque ela mostra, frente as mais diversas transitoriedades da vida, que a experiência com:

o Absoluto faz dessa experiência o princípio norteador de sua vida. Neste sentido, a testemunha e sua narrativa se infiltram, por assim dizer, na volatilidade e na efemeridade do mundo, fazendo de verdade sua biografia, sua história de vida e expondo-se à ousadia de inventar uma nova lógica e uma nova linguagem para dizer o Absoluto e a verdade da qual a humanidade tem inextinguível sede (BINGEMER, 2013, p.310).

Um dos grandes desafios que vem se impondo na contemporaneidade ao testemunho ético, que visa à justiça e a vida tem sido a falta de referenciais que sejam claramente distinguíveis. O que é fruto da própria forma como a sociedade atual funciona, como já foi abordado anteriormente. Pode-se dizer que existe uma ‘nebulosidade ética’ que paira sobre as relações humanas, uma dificuldade em colocar com clareza o que deve ser feito e o que não deve ser praticado (cf. BINGEMER, 1997, p.17). Este é um dos mais sérios compromissos que comunidade religiosa deve perseguir, o apontamento de referências que gerem transformações sociais substanciais.

A igreja busca esta atuação na sociedade porque ela acredita que Deus age na história, que ele efetua seu plano redentor impulsionando a humanidade rumo a justiça e a redenção. E é por meio do mistério, da experiência com a divindade que é possível se encontrar forças e motivações para agir esquadrinhando as formas que podem gerar melhoria na condição de vida de todos, sobretudo, daqueles que mais carecem da ajuda e compaixão. Em outras palavras, a noção de que Deus age na história gera pessoas que por esta crença, escolhem por também atuar de forma a contribuir no plano redentor (cf. BINGEMER, 1997, p.32). Por conseguinte, “a igreja, na sua tarefa e missão de formar os cristãos líderes da sociedade e protagonistas do saber intelectual, é chamada, então, a investir e contribuir na formação de pessoas que sejam, autenticamente, ‘amigos de Deus e amigos da vida’” (BINGEMER, 2004, p.22).

Merece destaque ponderar acerca da importância que é dada pela Teologia Latino-Americana para a relação que Jesus teve com as pessoas mais desprivilegiadas. Sendo assim, não é possível desconsiderar e dar menor importância ao fato de que a revelação da “personalidade do Nazareno aponta para sua clara e intrínseca afinidade com os pobres, não apenas aos que eram marginalizados religiosamente, mas principalmente do ponto de vista social, como ocorreu e ocorre em todos os povos e sociedades” (BINGEMER, 2008, p.44). Ou seja, se Jesus que é o exemplo paradigmático para o cristianismo viveu desta forma, assim também deve ser a atuação dos seus seguidores e seguidoras.

1.2.2) A paz na escatologia cristã

É notório perceber que para as religiões monoteístas, que tem como base a revelação e o caráter profético, “a incondicionalidade e universalidade das exigências éticas é o Incondicional que se revela e faz presente em todo o condicionado, o Sentido último e radical do homem ao qual chamamos Deus” (BINGEMER, 2004, p.13). Ou seja, é o próprio fato de que a divindade é amorosa e se revela em amor, buscando redimir a humanidade, que deve ser o balizador ético que impulsiona os cristãos e cristãs a fazerem o mesmo. É a esperança expressa na escatologia, que deve levar os seguidores da tradição cristã a buscar uma atuação marcante e relevante na

sociedade, uma vez que o exemplo já foi dado e continua sendo expresso por meio do amor de Deus por toda a criação.

A impossibilidade do ser humano em definir Deus é uma das questões mais significativas para o cristianismo, já que desde os tempos de Agostinho já existiram inúmeras tentativas em colocar na linguagem expressões que pudessem abarcar a divindade. Porém, mesmo os escritos do antigo teólogo na obra *A Trindade*² já expressavam a incapacidade humana em discursar acerca do Trino Deus, apontando “que é impossível entender, captar completamente o Deus Uno e Trino da nossa fé. Mas é possível, sim, conhecê-lo na medida em que ele mesmo revela seu Mistério aos sedentos e amorosos que o buscam” (BINGEMER & FELLER, 2003b, p.14-15).

Portanto, é na linguagem da mística que se discursa sobre Deus e seus atributos. Sendo que esta tem um claro potencial escatológico, uma vez que aponta para as utopias e possibilidades de mudança, convidando a pessoa que entrou em contato com a graça divina a trabalhar, influenciando para melhorar a sociedade e promover relações sociais fraternas e que abrem espaço para a alteridade. Já que indivíduos alcançados pela divindade na tradição cristã devem, necessariamente, ser conduzidos para a vivência amorosa em comunidade que aponta para o futuro em transformação (cf. BINGEMER, 2013, p.320). Isso se opõe fortemente a todas as realidades que geram morte e desigualdade que já estão presentes em nosso meio. Pois “é aqui e agora (...) no tempo e na história, na trama da vida real e das estruturas sociais injustas, que o inferno se gesta e aparece como possibilidade concreta” (LIBÂNIO & BINGEMER, 1994, p.264).

Por outro lado, os evangelhos apontam para a realidade da relação amorosa do Criador com os seres humanos, que almeja que todos tenham direito a uma vida digna e bem-aventurada. Os seres humanos foram, portanto, destinados à comunhão uns com os outros e com Deus, isso já está manifesto nas promessas feitas por Jesus que dá uma atenção especial “a vida que não termina. O céu, a felicidade eterna, a presença de Deus para sempre, a comunhão perfeita, fazem parte do núcleo central e principal do anúncio evangélico e são Boa-Nova que ilumina o homem e dá sentido à vida” (LIBÂNIO & BINGEMER, 1994, p.271). É nesta esperança escatológica, que se gera o compromisso com o presente e com as modificações sociais que a fé cristã busca. Gerando de geração após geração pessoas que trabalham na construção do Reino da vida.

2) Agostinho: O ser humano em busca pela paz

Em acréscimo as ideias da teóloga brasileira contemporânea far-se-á uma exposição do pensamento do antigo pensador cristão Agostinho de Hipona (354-430), *Aurelius Augustinus*, especificamente, no tema da busca humana pela paz em suas múltiplas relações. Mostrando como as ideias e ideais que são defendidas pela destacada teóloga latino-americana já estavam, em vários sentidos, expostas no pensamento do antigo pensador de Hipona, que continua a ser um dos grandes influenciadores do pensamento teológico.

Henri-Iréneé Marrou, um dos grandes estudiosos franceses do pensamento de Agostinho, aponta que na obra do bispo norte-africano fica clara a condição social dos seres humanos, pois esta é uma “existência coletiva, *socialis vita*” (1989, p.15). E cristãos e cristãs não se encontram eximidos desta lógica, pelo contrário, o fato de pertencerem a *Cidade de Deus* os leva a se envolver ativamente nas questões inerentes a sociedade. Inclusive, nos próprios escritos do antigo pensador já se vê, de forma bastante evidente, o questionamento de que não é possível existir de forma sábia sem

² AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística)

estar em uma vivência social, já que a “vida do sábio [é] uma vida social. Isso aprovamo-lo nós muito mais do que eles. Efetivamente, donde surgiria esta Cidade de Deus (...) se a vida dos santos não fosse uma vida social?” (AGOSTINHO, 2011, p.1891 – XIX,5). Nesta pergunta, muito típica da retórica da época na qual o bispo de Hipona era especialista, já se nota a importância da vida em sociedade para o pensamento agostiniano.

Uma consequência natural da vivência coletiva é o surgimento de dificuldades e conflitos, devido a isso, a busca pela paz passa ser assunto indispensável de qualquer pensador que reflete sobre a possibilidade de se viver em sociedade. É necessário, destarte, definir o que ela é a conciliação social, para ser possível se trabalhar com ela e promovê-la. O antigo teólogo destaca, então, que ela deve existir entre o ser humano e Deus, isso é obtido por meio da ordenada obediência pela fé. Ao mesmo tempo, deve existir uma comunhão fraterna e bondosa entre todos os seres humanos; por consequência, também deve existir paz entre os que governam e os que são governados. Nisso fica destacado que na forma de conceber agostiniana não é possível valorizar apenas a dimensão vertical entre os seres humanos e seu Criador, mas há igualmente o desejo de que todas as relações humanas sejam fraternas e cordadas, apesar de existir a ressalva de que este estágio só será obtido em plenitude na consumação dos tempos. Assim sendo, “a paz da Cidade celeste é a comunidade absolutamente ordenada e absolutamente harmoniosa no gozo de Deus, no gozo mútuo em Deus” (AGOSTINHO, 2011, p.1915 – XIX,13).

É notável atentar que em Agostinho não existe um programa explícito que produz um plano para a paz mundial, algo como uma federação de países, pois o que em última instância está nos escritos do pensador é sua compreensão de Cidade de Deus, aquele grupo de pessoas que foram agraciadas pela divindade, ou em suas próprias palavras: “uma [cidade], a dos homens que querem viver segundo a carne, e a outra, a dos que pretendem seguir o espírito, conseguindo cada uma viver na paz do seu gênero quando eles conseguem o que pretendem” (AGOSTINHO, 2011, p.1233 – XIV,1). Ou como diz O’Daly, grande conhecedor dos escritores de língua latina: “Agostinho fala de duas cidades (*civitates*), a cada uma é dada um nome alegórico – Jerusalém e Babilônia – nas Escrituras. Estas cidades agora estão misturadas, mas serão separadas no fim (*in fine*): uma é a cidade dos santos, outra dos ímpios” (1999, p.94)

O que está no horizonte do pensamento agostiniano é a reforma dos corações, ou seja a preocupação que as instituições são transformadas quando indivíduos são modificados. Pois para uma sociedade mundial melhor, nós simplesmente precisamos de melhores homens” (BOURKE, 1995, p.296). Isso se diferencia em grande medida da forma que a teologia no continente latino-americano tem se desenvolvida, pois como já foi exposto acima, esta tem maior preocupação com as questões estruturais que cercam a sociedade. Porém, independentemente da forma que se compreenda, fica claro que tanto para a teóloga brasileira quanto para o antigo pensador, a busca pela paz é digna dos mais honrados esforços e trabalhos (cf. BITTNER, 1999, p.356).

Logo, fica perceptível que para o antigo teólogo a concepção do que seria a busca pela paz tem várias similitudes com o pensamento atual da Teologia Latino-americana; porém, não é possível desconsiderar as claras diferenças que estão nestas duas expoentes construções teológicas cristãs. Uma vez que para o bispo de Hipona, em última instância, a verdadeira paz só poderia ser obtida, em plenitude, na eternidade da consumação dos tempos, como se vê em: “então é que a virtude será verdadeira, quando, com todos os bens de que ela faz bom uso e com tudo o que ela faz no bom uso dos bens e dos males, ela própria se referir àquele fim onde teremos uma paz tal e tão grande que melhor e maior não pode haver” (AGOSTINHO, 2011, p.1906 – XIX,

10). Será neste momento que se encontrará o que poderia, em certa medida, ser associado com a utopia, onde de fato a paz se efetivará de forma perfeita e completa.

3) Bingemer, leitora de Agostinho: o anseio comum pela paz

Após terem sido oportunamente analisadas as ideias de Maria Clara Bingemer e Agostinho de Hipona, faz-se imprescindível perceber como as ideias que já estavam presentes no final da Idade Antiga, no pensamento de Agostinho, ainda ecoam, em grande medida, na forma como a expoente teóloga brasileira constrói seu pensar teológico. Sobretudo, no que diz respeito ao anseio que o ser humano tem pela paz. Fica claro que a mística tem um papel essencial na construção da religiosidade e das próprias dinâmicas inerentes à busca pela convivência harmônica e fraterna. Uma vez que, mormente na atualidade, existe uma “síntese obrigatória da mística (...) em enlace com a ética. A partir de sua experiência do Mistério amoroso de Deus, místicos e místicas enfrentarão os grandes desafios éticos de seu tempo e lugar” (BINGEMER, 2013, p.313). Pois é no contato experiencial com a divindade, que é toda amor e justiça, que se sente o impulso a favor da vida.

Esta associação entre experienciar Deus e o testemunho ético se torna fundamental, principalmente, em uma sociedade onde as experiências religiosas se tornam cada vez mais individualistas e despreocupadas com o próximo. Neste contexto, aponta Bingemer que o compromisso com as instâncias políticas que promovem a igualdade, o diálogo, a cooperação entre os povos em um mundo marcado por tanta morte e sofrimento, faz-se mister para aqueles e aquelas que almejam viver uma autêntica mística cristã engajada no século 21 (cf. 2013, p.316).

Visto que ética e mística devem caminhar juntos em prol da vida. Lutando, assim, contra todas as formas de morte que são propagadas tanto no nível micro, quanto nas macroestruturas que mantêm multidões vivendo em situação precária e desprovidas de recursos básicos. A comunidade do Cristo, desta maneira, é desafiada a viver sempre encorajando a vivência comunitária, assim como foi expresso nas páginas das Escrituras neotestamentárias, movida e impulsionando a partilha do pão e da palavra que promove a comunhão e a paz (cf. LIBÂNIO & BINGEMER, 1994, p.275).

O desejo de construção da paz vem, na tradição cristã, justamente das próprias páginas da Bíblia que revela o caráter amoroso e benevolente do Criador, desde as primeiras páginas do livro de *Gênesis* já estão lançados o princípio que devem nortear os seres humanos em suas relações. O fato de que o próprio Deus resolveu por graça conceder às suas criaturas sua própria imagem e semelhança (Gn. 1.26), e esta marca deixada em cada pessoa busca “possibilitar que em cada homem e em cada mulher aconteça o desejo do Reino de Deus, que é um desejo de paz” (BINGEMER, 2004, p.34). É relevante destacar que o propósito exposto nestes primeiros capítulos da revelação vetero-testamentária e também nos escritos do Novo Testamento, homem e mulher têm papel igualmente destacado na expansão na mensagem de paz. Ambos deviriam lutar na construção do Reino da vida que promove a justiça (cf. BINGEMER, 1991, p.43).

E nas obras de Agostinho também se observa um destacado espaço dado ao tema da busca pela paz, posto que ela é um fim almejado, mesmo que só se revele de maneira plena na Cidade Celeste (cf. AGOSTINHO, 2011, p.1909-1910 – XIX,12). Apesar disso, a paz já deve ser buscada com bastante dedicação ainda no tempo presente, de maneira a possibilitar que todos tenham uma vida mais igualitária e fraterna. Pois o fato de sua plena efetivação só ocorrer na consumação dos tempos, não impede que os cidadãos e cidadãs cristãos conscientes já se esforcem com afinco na busca pela concórdia entre todos os seres humanos ainda na atualidade, pois

também conservará a esperança utópica que “graças a sua santidade, possuirá então, por uma suprema vitória, a paz perfeita” (AGOSTINHO, 2011, p.97 – Prólogo). Porém, é importante destacar que no pensamento agostiniano a verdadeira paz e felicidade se encontram na busca pelo próprio Deus criador, conforme a célebre frase das *Confissões*: “tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti. Dá-me sabedoria Senhor, saber e compreender qual seja o primeiro: invocar-te ou louvar-te; conhecer-te ou invocar-te” (AGOSTINHO, 1984, p.15). Nesta fica destacado uma das principais diferenças entre o pensamento do antigo teólogo e da contemporânea estudiosa da religião.

Visto que, seguindo a tradição teológica latino-americana, Bingemer enfatiza mais a associação entre felicidade com o agir ético, dizendo que só é possível encontrar a satisfação verdadeira na busca por ideias de justiça e igualdade. E isso se efetiva no “agir moral [que] são expressões da crença nessa possibilidade de construir um tempo e um espaço felizes, onde a pessoa humana possa atingir e desfrutar o desenvolvimento completo e o gozo pleno de suas potencialidades” (1993, p.65-66). Entendendo-se que só é possível estar satisfeito, como cristão ou cristã, quando de fato se percebe uma harmoniosa convivência pacífica e harmônica em toda a sociedade. E isso é obtido por meio de árduo trabalho que não fica recluso apenas ao nível individual, mas que avança destemidamente no combate as estruturas que acabam por manter pessoas empobrecidas e desprovidas de direitos básicos.

Considerações Finais

Finalizando, fica evidenciado o importante papel que a busca pela paz tem desde os escritos da antiguidade cristã em Agostinho de Hipona, chegando até a contemporaneidade com autores como a profícua teóloga brasileira Maria Clara Bingemer. Nesta busca pela paz diferentes caminhos são traçados, uns enfatizam mais ações concretas que ajudam na sua construção, outras apelam mais para a questão transcendente.

Porém, é rico observar que mesmo na teóloga latino-americana, inserida em uma tradição fortemente marcada pelo racionalismo e pelas análises conjecturais, não deixa de existir uma alusão clara que aponta para a importância do mistério, da mística, do inexplicável na construção e busca pela harmonia e concórdia. Isso torna o pensamento da autora merecedor de especial destaque, pois ela aponta para uma Teologia Latino-Americana que dialoga a mística e a fé do povo simples. E isso não deve ser usado para gerar alienação, pelo contrário, a pensadora brasileira durante toda sua obra nunca perde o horizonte libertador e promotor da vida, e advoga que a mística tem um papel fundamental na construção de pontes geradoras justiça e igualdade. Posto que ela assinala pra o fato de que “a religião reduzida a um mero ato humano, natural, sem Transcendência não daria conta (...) Explica-se humanamente e aí se esgota. Há que voltar às fontes, ou seja, à Palavra Reveladora cuja origem misteriosa ensina ao ser humano a sua verdadeira origem” (BINGEMER, 2013, p.43).

Portanto, a mística e o mistério devem conduzir o ser humano ao encontro com o outro, com o próximo, levando-o a praticar atos de benevolência e de promoção pela paz. Assim como já se observava nos escritos do antigo bispo de Hipona, que considerava a busca pela completude algo digno de todo o esforço, mesmo que ele nunca deixasse de apontar que, em última instância, a perfeição só seria obtida no momento da consumação final.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Tradução de J. Dias Pereira. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- _____. *A Trindade*. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística)
- _____. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama; Cláudia Gama. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1998.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *A Igreja e os intelectuais: contribuição para a construção da sociedade*. Bauru: EDUSC, 1997.
- _____. *Alteridade e vulnerabilidade: Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*. São Paulo: Loyola, 1993.
- _____. *Jesus Cristo: servo de Deus e Messias glorioso*. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2008.
- _____. *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *O mistério e o mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- _____. *O segredo feminino do mistério: ensaios de teologia na ótica da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. *Deus-amor: a graça que habita em nós*. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003.
- _____. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BINGEMER, Maria Clara; GASS, Ildo Bohn (Orgs.). *Um rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; IVERN, Francisco (Orgs.). *Doutrina social da Igreja e teologia da libertação*. São Paulo: Loyola, 1994.
- BITTNER, Rüdiger. *Augustine's Philosophy of History*. In: Augustinian Tradicion. Edited by Gareth B. Matthews. Berkeley: University of California Press, 1999.
- BOEHNER, Philotheus & GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. Tradução de Raimundo Vier. 9ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BOURKE, Vernon J. *The City of God and History*. In: *The City of God: A Collection of Critical Essays*. Edited by Dorothy F. Donnelly. New York: Peter Lang, 1995.
- LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MARROU, Henri-Irénée. *Teologia da História: O sentido da caminhada da humanidade através da temporalidade*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1989.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. 5ª ed. São Leopoldo: EST & Sinodal, 2005.
- YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria Clara L. (orgs.). *Virtudes*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio/Loyola, 2001.

Recebido para publicação em 19-04-14; aceito em 22-05-14